Redes, Empreendedorismo Social e Negócios Inclusivos: em busca de um modelo compreensivo sobre inovação no combate à pobreza na América Latina

Maria Flávia Bastos[1]
Gláucia Maria Vasconcellos Vale[2]
Armindo dos Santos de Sousa Teodósio[3]

Resumo:
O presente artigo tem como objetivo desenvolver um constructo teórico capaz de problematizar o papel do empreendedorismo social como agente de combate à pobreza, na medida em que articula os chamados negócios inclusivos a partir da conexão entre inovação edesenvolvimento em contextos locais. O problema de pesquisa proposto que écompreender qual dinâmica de redes leva pessoas em situação de pobreza envolvidas em negócios inclusivos (conduzidos ou desenvolvidos por empreendedores sociais) a sair desta condição. Para tanto, analisa-se a experiência da localidade de Bichinho, uma comunidade na região rural brasileira, que se destaca pela presença de iniciativas de empreendedorismo no campo da cultura e do artesanato, com importantes desdobramentos para as populações em situação de pobreza. Na discussão teórica, busca-se analisar a amplitude do enraizamento – ou *embeddedness*– familiar e do enraizamento posterior, bem como do processo de transferência de conhecimento na formação de negócios inclusivos de artesanato no local e, a partir disso, verificar a possibilidade de mudanças das histórias de vida de pessoas que viviam em pobreza e/ou em vulnerabilidade social. A principal contribuição do trabalho é buscar articular a discussão sobre redes com a de negócios inclusivos, de forma a aprofundar a compreensão da dinâmica social que envolve indivíduos em situação de pobreza e, com isso, também as possibilidades de superação dessa realidade no contexto da cultura sociopolítica latino-americana.

Palavras-chave: Pobreza; Redes; Empreendedorismo Social; Negócios Inclusivos.

Resumen
Reflexiones sobre el emprendedor social como agente de conexión entre la innovación y el desarrollo local es lo que nos motivó a estudiar el caso de la localización de *Bichinho*, o oficialmente Vitoriano Veloso, municipio de Prados, Minas Gerais, para comprender mejor, de manera sistemática y profunda la amplitud de enraizamiento - o *embeddedness*- de la familia y del enraizamiento posterior, así como el proceso de transferencia de conocimiento en la formación de negocios inclusivos en artesanía em el local, para después, verificar la posibilidad de cambios en las historias de vida de las personas que viven en condiciones de pobreza y/o de vulnerabilidad social.El comienzo de esta investigación será por la teoría que busca la articulación de estos tres constructos teóricos - la pobreza, las redes sociales y empresariales - y, después, se desea, para abordar el problema de que esta investigación propuesta,intentar comprender la

[1]Doutoranda doPrograma de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil, email: mariaflaviabastos@hotmail.com.
[2]Profª. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil, email: galvale@terra.com.br.
[3]Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil, email: teodosio@pobox.com.

dinámica de la red que lleva a las personas en situación de pobreza involucradas en negocios inclusivos (realizado o desarrollado por emprendedores sociales) para salir de esta condición. Serán presentados en este artículo los principales debates en torno de las tres construcciones desarrolladas por algunos autores y, entonces, se propone presentar una articulación teórica capaz de avanzar en la comprensión del fenómeno de la pobreza y sus posibilidades de superación a partir de los llamados negocios inclusivos..

Palabras clave: Pobreza, Redes, Emprendimiento Social, Negocios Inclusivos.

Abstract:
This article aims to develop a theoretical construct able to discuss the role of social entrepreneurship as an agent to combat poverty, as it articulates the so-called inclusive business from the connection between innovation and development in local contexts. The research problem is to understand which proposed that network dynamics leads people in poverty involved in inclusive business (conducted or developed by social entrepreneurs) to come out of this condition. Therefore, analyzing the experience of Bichinho, a community in rural Brazil, which is distinguished by the presence of entrepreneurship initiatives in the field of culture and craft, with important consequences for the population in poverty.In the theoretical discussion, seeks to analyze the extent of family *embeddedness*and the later*embeddedness*, and the process of knowledge transfer in the formation of inclusive business craft on site, as appropriate, to verify the possibility of changes in the life stories of people living in poverty and / or social vulnerability.The main contribution of this work is to seek to articulate the discussion of networks with inclusive business in order to deepen understanding of the social dynamics that involves individuals in poverty and, therefore, also the possibilities of overcoming this reality in the context of culture Latin American sociopolitical.

Keywords: Poverty, Networks, Social Entrepreneurship, Inclusive Business.

1- Introdução

Porque a história de alguns cidadãos que nasceram em situação de grave pobreza se transforma em uma história de cidadania, enquanto outros permanecem na mesma situação? Sorte? Destino? Escolha? Culpa dos governantes? Das próprias pessoas? As pessoas não mudam por acomodação? As pessoas mudam porque começam a fazer parte de projetos de cooperação/participação?

Questões latentes como essas nos motivam a estudar para melhor compreenderas relações sociais de cooperação na dinâmica de construção e operação de negócios inclusivos e, a partir disso, da possibilidade de mudanças em histórias de vida de pessoas que se encontrar em situação de pobreza e/ou em vulnerabilidade social.

Percebe-se que existem muitos estudos sobre redes, empreendedorismo e, ainda não em tão grande quantidade, também sobre negócios inclusivos. Porém, raras são as discussões que articulam esses três constructos teóricos de forma a compreender a dinâmica social que envolve populações em situação de pobreza. O que se propõe, por

meio desse estudo, portanto, é uma articulação desses três constructos teóricos – redes, pobreza e negócios inclusivos – e, a partir disso, responder ao problema de pesquisa proposto no artigo, ou seja, compreender qual a dinâmica de redes que leva pessoas em situação de pobreza envolvidas em negócios inclusivos a sair desta condição.

Quando se trata de uma classe que vive em vulnerabilidade social, estar em isolamento, sem se inserir em dinâmicas sociais de cooperação pode significar a impossibilidade de sair dessa condição já que suas redes, somente presenciais/pessoais, os levariam a essa inércia e continuidade na situação de pobreza. É o que pode ser inferido quando utilizamos as discussões de Granovetter (1973, 1983) para analisar a condição de pessoas em situação de pobreza. Nessa perspectiva haveria, na formação de redes, laços fracos e laços fortes. Fortes seriam os laços formados por grandes vínculos que um sujeito tem com sua família, seus amigos ou com pessoas próximas de sua comunidade, tornando-os todos esses participantes, muito parecidos e coesos entre si. É, portanto, um comportamento homogeneizado (SENNETT, 2012). Por outro lado, os chamados laços fracos seriam formados por contatos e relacionamentos que o sujeito tem eventualmente, superficialmente, o que lhe permite receber um fluxo de diferentes tipos de informações, que, consequentemente, conectam esse sujeito a mundos diferentes e distantes do seu e, portanto, possibilita-o a ter "maior circulação e difusãode diferentes tipos de informações" (GRANOVETTER, 1973, 1983).

A ideia de que, se não há cooperação, será possível aos cidadãos em vulnerabilidade social sair da pobreza, alcançar processos de inovação e serem conduzidos a uma mudança social? Motivados a compreender impactos da cooperação ou da falta dela na formação de negócios inclusivos e na possibilidade de mudança de histórias de pobreza e vulnerabilidade social, é que partimos para o presente estudo.

Pretende-se estudar as redes que se estabelecem nas relações sociais entre osindivíduos envolvidos em negócios inclusivos que vivem no território de *Bichinho*, um pequeno povoado do interior do estado de Minas Gerais no Brasil, constituído por pequenas moradias antigas que, hoje, tanto são residências como oficinas, ateliês e lojas de artesanatos e doces. Uma tradição passada entre geraçõesque hoje chama a atenção dos seus milhares de visitantes de toda a parte do mundo. Uma cidade que vem diminuindo os índices da pobreza e que vem construindo uma nova história por meio das práticas artesanais. Nessa realidade se configura como um caso relevante para a discussão das redes de relações sociais estabelecidas no contexto em que indivíduos em

situação de pobreza se envolvem na construção de projetos de empreendedorismo social e negócios inclusivos.

O artigo está estruturado de forma a apresentar as principais discussões em torno dos constructos deredes, pobreza,empreendedorismoe negócios inclusivos. Em seguida, é feita uma articulação teóricadesses constructospara compreender o fenômeno da pobreza e suas possibilidades de superação. Diante disso, esse artigo busca o entendimento dos processos de pertencimento social que têm feito fazem com que pessoas em situação de pobreza em Bichinho, envolvidas em negócios inclusivos,construam possibilidades de superação de sua realidade de vulnerabilidade social.

Dinâmica de Redes: sua contribuição para a análise social

A sociedade contemporânea vem passando por muitas transformações tecnológicas e sociais. Somos protagonistas de um novo tempo: mais conectado e, por vezes, mais coletivo (CASTELLS, 1999) que nos "emaranha" numa grande rede de pessoas, organizações e ideias. A velocidade dessas mudanças em toda a sociedade exige de nós uma nova forma de compreender e vivenciar as experiências no mundo, talvez pensando que, o correto passará a ser a ideia de que, ao invés de chegar primeiro, o melhor será chegar junto – com os outros.

Para entender esse processo de redes, de ligações entre pessoas e organizações, é preciso contextualizar o que temos vivido atualmente. O crescimento das redes organizacionais acontece em função, principalmente, da globalização e das novas tecnologias da informação e da comunicação (VALE, 2006). Esse mesmo fenômeno (a globalização) trouxe também o acirramento da concorrência, a redução de empregos formais, um considerável aumento de pequenas empresas e a fusão/incorporação de grandes organizações. Para despontar, nessa nova realidade, as organizações buscam encontrar soluções, de forma criativa, para as mais diversas circunstâncias impostas por uma realidade social mais competitiva. Uma dessas soluções para responder às novas demandas, é a formação de redes em busca da troca de experiências e fortalecimento de suas conexões, ideias e negócios.

O termo "rede" tornou-se recorrente nas organizações contemporâneas (sejam elas multinacionais ou pequenas empresas, indústrias ou prestadoras de serviços) e é utilizado para explicar como as organizações podem tornar-se mais competitivas no atual ambiente empresarial. Para ele, não somente as empresas como também os

indivíduos mostram interesse no tema "rede" ao pensarem em formar uma vida com base na construção de relacionamentos que possam ser usados em seu benefício (NOHRIA, 1992). O termo ganhou força de tal maneira que muitas empresas começaram a oferecer programas de formação que ajudam seus funcionários, a saber, mais sobre a construção e utilização da "rede" (NOHRIA, 1992). A prática do chamado "*networking*" é hoje uma tendência muito difundida e defendida como prática fundamental para o desenvolvimento de carreiras nas escolas e ambientes de negócios.

É neste contexto que aumenta a necessidade de se estudar essa lógica de constituição de relacionamentos em rede, no intuito de compreender como acontece essa junção de pessoas, organizações e ideias de forma cooperativa. O que se pretende é conhecer essa dinâmica, seu papel, sua consistência, viabilidade e possibilidade empreendedora no novo cenário de negócios no Brasil e no mundo. Entender como surgem e se fortalecem grupos de pessoas que, a princípio, tem em sua história pessoal e social a pobreza e a exclusão e, por meio da formação de redes e de ações empreendedoras podem construir novas realidades de vida.

Procuramos investigar a possibilidade de entender se esses laços e essa base social poderão garantir a solidariedade e viabilizar o surgimento de empreendimentos cooperativos, em um processo de transformação da sociedade (FARIA et al, 2004) e, logo, de diminuição da pobreza e da exclusão no Brasil. Para Giddens (1998), os programas convencionais de socorro à pobreza precisam ser substituídos por ações comunitárias que permitirão uma participação mais democrática e, para ele, mais eficaz, por meio da formação de redes de apoio que cultivem o espírito de iniciativa e do capital social, gerando novas possibilidades econômicas nas regiões desfavorecidas de renda. Singer (2000, p. 317) completa essa pensamento apontando que a economia de comunhão é "aquela que segue o caminho da cooperatividade, da eficiência sistêmica em vez de eficiência apenas individual". E como esse estudo propõe-se a estudar a relação das redes na formação desses grupos cooperativos de uma nova economia feita em rede (solidária e criativa), é necessário conhecer os conceitos de redes para depois aprofundar em redes nos trabalhos coletivos.

Mas, o que representa esta enorme interesse contemporâneo em redes? Nohria (1992) diz que a ideia não é nova e que, pelo menos, desde a década de 50, o conceito de redes ocupa espaços de discussão em domínios diversos como o da antropologia, da psicologia, da sociologia, da saúde mental e da biologia molecular. No campo dateoria das organizações, o conceito remonta ainda, segundo Nohria (1992), mais cedo ainda,

aos anos 30, quando Roethlisberg e Dickson (*apud* Nohria, 1992) enfatizaram a importância das redes informais nas relações organizacionais. Nohria (1992) aponta três razões principais que fazem com que o termo "rede", como perspectiva teórica, tenha recebido crescente ênfase:

> **1° razão** - A emergência da chamada "nova competição", descrita como um padrão de competição que se desenvolveu nas últimas duas décadas, ilustrada pelo empreendedorismo de firmas em distritos regionais como Sillicon Valley e Itália, em novas indústrias como computadores e biotecnologia, bem como nas economias asiáticas (emergentes); **2° razão** - Associada aos recentes desenvolvimentos tecnológicos, permitindo o funcionamento de arranjos organizacionais espacialmente dispersos, bem como novas maneiras para organização interna das firmas; **3° razão** - O crescente interesse por redes pode ser associado à maturidade do tema dentro dos estudos organizacionais.

O conceito de rede tornou-se recorrente na literatura acadêmica em Administração, bem como na mídia de negócios, um termo que, como definem Sarason e Lorentz (1979 *apud* Nohria, 1992), é "naturalmente uma benção híbrida". Nohria (1992) sugere, então, que cinco premissas básicas estão submetidas à perspectiva de rede nas organizações:

> **1-** Todas as organizações constituem importantes redes sociais e precisam ser discutidas e analisadas como tal. **2-** O ambiente organizacional pode ser caracterizado como um conjunto de empresas interligadas e em constante interação. **3-** As ações (atitude e comportamento) dos atores nas organizações podem ser melhores explicadas e entendidas em termos de relacionamento. **4-** As redes são constantemente construídas, reproduzidas e modificadas pela ação de seus atores. **5-** As análises comparativas das organizações devem levar em consideração suas características de rede.

As redes, como forma de governança, estão sendo amplamente estudadas a partir de uma nova lógica produtiva. Redes como forma de governança estimulariam o acesso rápido a recursos e *know how* que não podem ser produzidos internamente (NOHRIA, 1992). Segundo o autor, o apoio institucional e de governos e entidades afins também estão sendo estudados como mecanismos importantes para o estímulo ao desenvolvimento industrial. Uma questão bastante abordada dentro desta perspectiva é como a confiança e a reputação podem suplementar ou substituir os procedimentos administrativos ou até os contratos transacionais.

Granovetter (1973, 1992, 2005) e Podolny, Page (1998) apontaram a importância da inserção social para os resultados econômicos, explicitando as principais razões que geram tais resultados. Granovetter (2005) faz essa análise a partir de quatro princípios fundamentais, ressaltando que a lista desses princípios não é exaustiva:

> **1- Normas e densidade da rede:** quanto mais densa a rede social e mais entrelaçada, mais claras são as normas, já que normas são as ideias que as pessoas tem sobre a maneira adequada de agir. **2- A força dos laços fracos:** as informações e as novas ideias fluem mais entre os indivíduos pelos laços fracos do que pelos laços fortes. Como os laços fortes formam círculos mais fechados, as informações que circulam são já conhecidas dos membros e não inovadoras. **3- A importância dos buracos estruturais:** Burt (1992) reformulou a teoria dos laços fracos, afirmando que é importante analisar de que forma as diferentes partes das redes se conectam e trocam informações. **4- A interpenetração das ações econômicas e não econômicas ("*social embeddness*" da economia):** as atividades não econômicas afetam os custos e as técnicas disponíveis para a atividade econômica.

Para Granovetter (2005), empregadores e empregados em potencial preferem aprender um sobre os outros a partir de fontes pessoais em cuja informação eles têm confiança. As informações sobre oportunidades de trabalho fluem continuamente através de redes sociais que as pessoas mantêm, em grande parte, por razões não econômicas. Essas redes também reduzem os riscos de oportunismo, já que a reputação de seus integrantes é conhecida. De acordo com essa perspectiva, Podolny e Page (1998) defendem que as estruturas em rede possuem uma lógica própria, com vantagens únicas, não sendo possíveis de alcançar na relação dicotômica mercado / hierarquia. Para eles, há, nesse processo, desenvolvimento de relacionamentos baseados e reforçados pela confiança, o que consequentemente reduz os custos de transação.

No caso dos empreendimentos em redes coletivas, a colaboração entre o grupo de participantes é que possibilita a construção de uma nova forma de negócios, uma nova economia. Singer e Souza (2000, p. 323) explicam que os elementos-chave da sócioeconomia são:

> **1.** A autogestão para a solidariedade; **2.** O fortalecimento das iniciativas econômicas cooperativadas e associativas; **3.** O desenvolvimento de redes de apoio mútuo, de intercâmbios diversos; **4.** A criação de formas alternativas de crédito e poupança; **5.** O desenvolvimento de capacidades técnicas e científicas por meio de pesquisas e técnicas cada vez mais adequadas à satisfação das necessidades e aspirações humanas; **6.** O desenvolvimento da capacidade de identificação dos potenciais e dos limites da natureza e o condicionamento do crescimento econômico a tais limites; **7.** A criação de novos espaços sociais através da constituição de Conselhos, Assembleias e Fóruns permanentes.

Na economia da solidariedade a relação interinstitucional provoca a formação de associações que estabelecem ligações cooperativas onde seus participantes têm papel

fundamental, combinando parceria e desenvolvimento, confiança, aprendizagem e transformação (CAPRA, 1997).Muito se fala na formação de redes para o fortalecimento da economia solidária. Mas muito também há de lirismo nesses debates, por vezes românticos e pouco aprofundados. Isso acontece, talvez, pela proliferação do conceito de rede, que, chegando a tornar-se popular, acabou por apresentar desvantagens já que, sua proliferação indevida, pode fazer do termo algo que, de tantas explicações, não tenha significado (NOHRIA, 1992).

As redes podem ser uma nova e significante forma de se criar novas perspectivas sociais e econômicas, um "novo mundo" onde estaremos interligados via tecnologias, ideologias e desejo por mudança, fazendo surgir uma sociedade em rede. Nesse "novo mundo" é possível que caibam novos valores de solidariedade que culminem em empreendimentos populares que tratem a pobreza sem medidas assistencialistas, fazendo com que esses negócios, de fato, movimentem ou façam parte do crescimento da produção e do comércio nacional. Mas é preciso compreender também que o desenvolvimento desse "novo mundo", conectado em rede, precisará produzir inovação e, dessa forma, será preciso investir numa formação de redes para a economia solidária preocupada também, em formar capital humano.

Quando pensamos em redes sociais, imaginamos a sociabilidade dos indivíduos, seja em seu ambiente familiar, de trabalho, de amigos ou, como já descrito anteriormente, em seus laços fortes e fracos (GRANOVETTER, 1973). As redes são, portanto,fundamentais no processo de sociabilidade dos indivíduos.Em se tratando da formação de redes de sujeitos oriundos de situação de pobreza, as redes são citadas amiúde na "obtenção de empregos, na organização comunitária e política, no comportamento religioso e na sociabilidade em geral (MARQUES et al, 2006, p. 01).Granovetter (1973) explica que redesde apoio aos que querem um emprego são

formada pelos laços fracos (contatos eventuais e esporádicos) e não pelos laços fortes (contatos intensos e frequentes) e ainda que "quanto mais fortes os vínculos conectando dois indivíduos mais similares são" (GRANOVETTER, 1973, p. 1362).

Nessa perspectiva, Granovetter (1983) explica que a pobreza, em função da formação de seus laços fortes pode ser autoperpetuadora, já que, nas comunidades com maior vulnerabilidade social e, portanto, com menor possibilidade de obtenção de informações de outras fontes que não as dos laços fortes, a ampliação de oportunidades torna-se mais difícil, pois tem-se um cenário de indivíduos isolados e "presos" em sua rede de relacionamentos (GRANOVETTER, 1973, 1983, 1985).

Pobreza: para além do fatalismo ou da culpa

Nas últimas décadas, em função de novos programas sociais de governo e do avanço econômico houve relativo crescimento da renda da população. Programas como o *Bolsa Família*têm possibilitado a redução da pobreza entre os brasileiros. Essa nova realidade também formou novas classes sociais que iniciaram um tipo de consumo até então impensado á população de baixa renda (de produtos alimentícios a lazer, educação e eletrodomésticos). Diante dessas novas classes, desse novo cenário, como melhor definir pobreza?

> A pobreza é, simultaneamente, uma construção social, dado que produto de um processo social de naturalização de desigualdades e, um fenômeno relacional, na medida em que é parte constitutiva da "modernidade" globalizada (CARRION, 2009, s/p).

Para Carneiro (2013), pobreza não se resume somente à privação material. Deve-se levar em conta também aspectos menos tangíveis que envolvem dimensões psicossociais. Isso porque colocar o foco na renda de uma população para tentar sanar os problemas de pessoas em situação de pobreza seria insuficiente.

> Historicamente vêm ocorrendo transformações no modo de se problematizar a pobreza e nas estratégias para enfrentá-la. No período mais recente o debate vem sendo tensionado entre, de um lado, a visão neoliberal que entende a pobreza como uma questão de desigualdades,

> e toma o mercado como principal referência para a promoção do desenvolvimento e da inclusão social e, de outro, a abordagem dos teóricos adeptos da teoria crítica, que interpretam a pobreza como um problema de natureza política, cujo enfrentamento exigiria intensa e qualificada participação das populações afetadas (CARRION, 2009).

A partir de uma pesquisa realizada com 608 famílias na capital mineira, Carneiro (2013) apontou a necessidade de se mensurar os efeitos de programas de assistência social no âmbito do protagonismo das famílias, considerando a subjetividade e o sofrimento já que, "além dos números da pobreza, estamos falando de pessoas com desejos, sonhos e projetos"(CARNEIRO, 2013, s/p). Para a autora, enfrentar a pobreza exige ir bem além de fazer caridade ou ter compaixão, mas muito mais, compromisso com a cidadania e com os direitos sociais já que "a definição da pobreza é motor para seleção de políticas. A mesma renda em uma família é diferente em outra, depende das condições envolvidas" (CARNEIRO, 2013, s/p). As relações entre pobres e não pobres "geralmente são assimétricas, favorecem a dependência e/ou estigmatização e reforçam atitudes de passividade e resignação. As pessoas aprendem a ser pobres e as políticas públicas não sabem como lidar com isso, como se altera a desesperança, o fatalismo" (CARNEIRO, 2013, s/p).

O desafio maior será tirar as pessoas da condição de pobreza e firmá-las numa condição de cidadania, protagonismo e poder por meio da criação de políticas preventivas que possibilite ao indivíduo independência de programas de renda para a sobrevivência (CARNEIRO, 2013).

Empreendedorismo Social e Negócios Inclusivos: perspectivas e desafios no combate a pobreza

Pensar em empreender é pensar em experimentar, em tomar decisões, transformar e criar oportunidades para dar nova forma aos pensamentos.A ideia de empreender e, logo, de praticar o empreendedorismo tem sido tema de debate constante no meio acadêmico e empresarial. Entender por que esse tema tem sido tão explorado por pesquisadores, curiosos e idealistasé fundamental à discussão aqui proposta.

A sociedade contemporânea vem passando por muitas transformações tecnológicas, sociais e comportamentais. A velocidade das mudanças em toda a sociedade – principalmente no que diz respeito aos negócios – exige novos profissionais, que tenham atitudes arrojadas, inovadoras e apresentem bastante agilidade

nas respostas a um ambiente cada dia mais competitivo. Assim, o empreendedorismo de hoje tem a ver fundamentalmente com o processo de inovação (SARKAR, 2008, p. 14).

É nesse contexto que aumenta a necessidade e a urgência de se encontrar profissionais com o chamado "espírito empreendedor", dotados de características singulares – as quais serão apontadas no decorrer deste estudo – que os fazem capazes não só de sobreviver nesse ambiente competitivo, mas, ainda, de se sobressair, rompendo barreiras comerciais e culturais, velhos paradigmas e gerando riquezas para a sociedade.

O mundo de hoje está "feito" para os empreendedores, com o desenvolvimento das tecnologias, a globalização e a rede de comunicações. O que os empreendedores fazem é aproveitar oportunidades, por vezes pequenas, que podem ser criadas por um vazio de um produto. Num mundo onde as coisas mudam tão rapidamente, onde os desejos e necessidades dos consumidores têm sido cada vez mais voláteis, produtos e serviços abrem "espaços – lacunas – vazios", também rapidamente, promovendo certa obsolescência e, portanto, criando novos espaços para o processo criativo(SARKAR, 2008, p. 14),

Diante disso, pode-se compreender com mais facilidade o porquê dessa ampliação do espaço de discussão acerca do empreendedorismo**.** As modificações na concepção de trabalho – que, no mundo industrial, se reportava ao emprego formal – têm contribuído para maior valorização da habilidade empreendedora, o que tem se traduzido no aumentodas opções financeiras e técnicas que apoiam essa tendência.

O interesse no processo de empreender é explicado, principalmente, pelo fato de o empreendedor ser identificado como um dos motivos do "crescimento e desenvolvimento econômico da sociedade", já que tem gerado riquezas e inovações "de todos os tipos nas organizações contemporâneas" (DAVID, 2004, p.15).

Essa nova vertente do empreendedorismo alia "práticas de mercado e a visão empresarial com o desenvolvimento humano, propondo soluções para os problemas sociais" (DAVID, 2004, p.17).O contexto de surgimento do empreendedorismo social é marcado principalmente pela ampla divulgação do conceito de empreendedorismo empresarial clássico.

O empreendedor social – um indignado diante das desigualdades – é figura marcante dessa nova vertente. Assim como o empreendedor que desenvolve inovações mercadológicas, o empreendedor social também apresenta características, tais como: criatividade, persistência, ousadia, dinamismo. No entanto, seu objetivo final não se

limita à geração de lucro, tendo uma preocupação central nos aspectos e impactos sociais de sua ação. O empreendedor social pode ser caracterizado como o indivíduo responsável por transformações sociais, quer sejam essas transformações realizadas no âmbito local, regional, nacional ou mesmo global, são agentes de mudança social que "adotam uma missão de gerare manter valor social", identificando e buscando novas oportunidades por meio da inovação, do aprendizado contínuo e da ação arrojada independente dos recursos disponíveis, de forma transparente com seus parceiros (ROSSONI *et al.*, 2007).

Embora tenha tido um crescimento acentuado, o debate sobre empreendedorismo social, nos últimos 20 anos, ainda é pouco conhecido e, no entanto, é neste novo contexto social, de profundas mudanças no início do século XXI, que inúmeros indivíduos deram nova forma às suas organizações, comunidades, cidades, estados ou no mundo como um todo.

O empreendedorismo social pode significar, entre outras coisas um novo paradigma de intervenção social que aponta um novo olhar, uma nova leitura de relação e integração entre os "vários atores e segmentos da sociedade"; Um processo de gestão social formado por uma "cadeia sucessiva e ordenada de ações" resumidas em "concepção da ideia/ institucionalização e maturação da ideia/ multiplicação da ideia"; Uma arte que possibilita ao empreendedor aplicar, além de suas habilidades e aptidões os seus dons e talentos, "sua intuição e sensibilidade na elaboração do processo de empreendedorismo social"; Uma ciência que se faz valer dos meios técnicos e científicos para "elaborar/planejar e agir sobre a realidade humana e social"; Uma nova tecnologia social, com imensa capacidade de inovação no processo de empreender em "novas estratégias de ação", gerando, com isso, "outras ações que afetam profundamente o processo de gestão social", já que não pretende-se assistencialista e mantenedora, mas empreendedora, emancipadora e transformadora; Um indutor de auto-organização social, nascido da "articulação e da participação da sociedade para se institucionalizar e apresentar resultados que atendam as reais necessidades da população", tendo como principal característica a possibilidade da multiplicação da ideia/ação do local para o global; Por fim, é "um sistema dentro do sistema maior que é a sociedade", algo que gera mudanças por meio da interação, da cooperação e do capital social (OLIVEIRA, 2008, p. 170).

Cresce a cada dia a quantidade de participantes e beneficiados de um novo tipo de negócio que alia sustentabilidade e valor social: as empresas sociais (*social*

enterprise) ou negócios inclusivos (inclusive business) ou ainda negócios inclusivos (social business), organizações que procuram resolver problemas sociais por meio de ferramentas mercadológicas (COMINI, 2011) e possibilitemque as sociedades tenham outros caminhos "de modo a romper, ou ao menos amenizar, com as discrepâncias sociais que assolam parte significativa da população mundial, especialmente nas regiões periféricas" (SANTOS et al 2010, p. 01).

Como tem em seu modelo parte da estrutura organizacional do ambiente empresarial clássico "tem sido alvo de calorosos debates entre acadêmicos e *practioners*, provocados pela falta de um entendimento comum sobre um conceito novo, que procura conciliar dois temas vistos a priori como irreconciliáveis: negócios e impacto social" (YOUNG, 2008 apud COMINI, 2011, p. 7). Trata-se, portanto, de um tipo de negócio ainda difícil de configurar e que acaba assumindo formatos diferenciados (COMINI, 2011, p. 7).

São negócios que geram mais que oportunidades de emprego e renda, mas geram oportunidades de mudança de história de vida, de cidadania, de participação (COMINI, 2011). Nos países em desenvolvimento o termo negócio inclusivo tem mais força tanto a visão latino-americana como na visão asiática (de Yunus) apontandonegócios inclusivos ou inclusivos comopossibilidade real na redução da pobreza em longo prazo (COMINI, 2011, p. 12).

No Brasil, o setor de negócios inclusivos/inclusivos está posicionado como ponto estratégico de "valorização e desenvolvimento dos territórios, razão pela qual vem ganhando destaque crescente no conjunto das estratégias de atuação empreendidas tanto pelo setor público quanto privado" (SANTOS et al 2010, p. 02). O país conta com "um espaço para experimentação e emergência de novas formas de articulação entre os vários atores sociais e o âmbito local que privilegiam iniciativas dessa natureza, que não reproduzem apenas formas de produção capitalista" (SANTOS et al 2010, p. 08) mas também, "formas de organização econômica baseadas em ações coletivas de empresas populares de gestão solidária" (SANTOS et al 2010, p. 08).

Redese Negócios Inclusivos na Problematização da Pobreza

No início desse trabalho perguntamo-nos porque a história de alguns cidadãos que nasceram em situação de pobreza se transformou em uma história de cidadania enquanto a história de outros sujeitos permaneceu a mesma.Perguntamo-nos ainda se se

trataria de sorte, de destino ou deescolha.Seria culpa dos governantes ou das próprias pessoas? E ainda, indagamo-nos se essas pessoas não mudam suas histórias somente por acomodação? Ou ainda, quando mudam, é porque começam a fazer parte de projetos de cooperação/participação?

Há ainda a latência dessas questões que, como dissemos anteriormente, começam a se descortinar a partir do entendimento e levantamento teórico a respeito das redes, da pobreza e dos negócios inclusivos/inclusivos.

Pode-se definir a princípio o papel das redes nas histórias de vida dos indivíduos em situação de pobreza percebendo sua fundamental importância na possibilidade de mudança de outras histórias, de sociedades inteiras. Os trabalhos dos autores aqui estudados apontam-nos para a necessidade de articularmos a participação/ cooperação em negócios inclusivos como possíveis elementos chave de transformação social. Tratar-se-á, portanto, da complexa tarefa de triangular os conceitos estudados e explicar sua relação nessa possibilidade de diminuição da vulnerabilidade social.

Para iniciar essa tarefa é preciso compreender como acontecem as articulações entre sujeitos que vivem em situação de pobreza e como as redes em que eles são inseridos podem ou não mudar sua trajetória de vida. Para tanto, os estudos de Bourdieu em relação ao *habitus*[4]pode nos ser bastante útil já que o autor explica que, indivíduos de *habitus* diferentes podem ou tendem a se comportar de maneira diferente (BOURDIEU, 2010, 2009a, 2009b, 1990 apud SANT'ANNA; OLIVEIRA; DINIZ, 2012, p. 384), ou seja, quanto mais oportunidade de conviver com pessoas oriundas de *habitus* diferentes, mais informações diferenciadas o indivíduo poderá obter. Esse princípio coaduna-se com a ideia da força dos laços fracos também expostos nesses estudos (GRANOVETTER, 1973).

> O *habitus* é adquirido pelos atores mediante interiorização das estruturas sociais, estruturas portadoras de histórias individuais e coletivas que são incorporadas pelos agentes (THIRY-CHERQUES, 2006). Ao se socializarem, é provável que os agentes dominem, mesmo sem plena consciência, as leis de funcionamento de seu grupo e se comportem de acordo com essas disposições. Portanto, pessoas de uma mesma classe tendem a possuir práticas bastante harmonizadas,

[4]Bourdieu (2010, 1996, 1990) define *habitus* como um sistema de disposições e princípios duráveis que pode funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como esquemas geradores e organizadores de ações coletivas e individuais pressupondo, portanto, um conjunto de princípios de visão e de gostos que orientam a escolha dos indivíduos e que os direciona a agir de determinadas maneiras. Atores sociais dotados de *habitus* distintos tendem, em decorrência, a se comportar de forma diferente e, por isso, constituindo um princípio diferenciador (BOURDIEU, 2010, 1996, 1990 apud SANT'ANNA; OLIVEIRA; DINIZ, 2012, p. 384).

> mais que eles sabem ou mesmo queiram, pois, ao se orientarem pelas leis, cada um se ajusta ao outro (BOURDIEU, 2009 b apud SANT'ANNA; OLIVEIRA; DINIZ, 2012, p. 384).

Na formação de negócios inclusivos e de mudança de vida/desenvolvimento de cidadania/geração de renda, os participantes não são "independentes uns das outros, especialmente em contextos em que compartilham do mesmo patrimônio histórico ou cultural" (SANT'ANNA; OLIVEIRA; DINIZ, 2012, p. 384), tornando-se parte de "um espaço social repleto de competição, colaboração, assim como sinergias intencionais e inconscientes" (SANT'ANNA; OLIVEIRA; DINIZ, 2012, p. 384).

Artesanato em *Bichinho*: uma realidade de superação da pobreza em construção?

Em meados dos anos 1980,a luz elétrica chegou em *Bichinho*, o que teria significado "um divisor de águas"na "transição rumo à Modernidade" (SOUZA NETO, 1995, p. 8) e significativas alterações, inclusive, no comportamento dos moradores da comunidade que, naquele momento, precisaram, por exemplo, colocar números nas casas e nomes nas ruas.

> Foi um espanto. Não se sabia o porquê, pois até então localizar uma residência era só saber o nome, o apelido do morador ou uma referência bem simples tipo: a casa do João Taquara é bem ali, ao lado da do Zé da Nica, na rua de baixo. Mas ao final do mês percebeu-se o porquê. As contas de luz, todas, chegaram aos seus destinatários (SOUZA NETO, 1995, p. 8).

Diante das mudanças daquela época, muitos jovens desistiram de seguir o ofício de seus pais e, "cansados da vida pacata", foram em busca das novidades que agora chegavam via TV de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Ao regressarem acabavam, também, por transformar a realidade local, promovendoa substituição de "bens e serviços tradicionalmente elaborados por produtos científico-tecnológicos e industrializados, à moda da cidade grande" (SOUZA NETO, 1995, p. 10), acarretando, naquele tempo, "a tragédia do desenvolvimento: a perda da identidade cultural-religiosa com a implantação de novas tecnologias trazendo novos hábitos de consumo, novas formas de organização do trabalho e novos elementos estéticos" (SOUZA NETO, 1995, p. 10).

> A história do Bichinho, como a de tantas outras pequenas localidades do interior brasileiro, foi marcada pela calma, pelo ritmo do tempo

> natural e do contato com o mundo apenas através dos que por ali passavam e quando passavam. Desse processo cresceu um povo ligado à terra, religioso e trabalhador, que formou uma pequena comunidade bem próxima da autossuficiência, da autonomia. Ainda hoje, entre os mais velhos principalmente, encontra-se com facilidade mão de obra especializada em técnicas tradicionais dos mais variados ofícios: tecelãs, tapeceiras e bordadeiras, arreateiros, marceneiros, carpinteiros, ferreiros, escultores da pedra e da madeira, santeiros, doceiras, ourives, raizeiros, benzedeiras, pedreiros conhecedores de técnicas construtivas com adobe, moledo, taipa de pilão e pedra. Artesãos do mais alto quilate, dificilmente encontráveis. Raridades (SOUZA NETO, 1995, p. 8).

Hoje, o povoado de *Bichinho*, ainda é pequeno e conta com cerca de 500 habitantes. Pessoas que espalham sua arte em todas as ruas da cidadezinha. A maior parte desse artesanatoé criadaa partir de "material de demolição, madeira, ferro, lata, plásticos, argila, papel machê, cabaças, tecidos e outros" (SANTOS,et al, 2010, p. 12). *Bichinho*tornou-se referência em qualidade de peças e artesão e exportado, em quantidade considerável,para várias localidades do mundo.

Se empreender socialmente traz a possibilidade de mudanças significativas na vida daqueles que não tinham mais perspectivas de melhorias – seja da autoestima, seja da independência financeira, seja da cooperação – importante pensar no fundamental papel do empreendedor como agente dessa possibilidade de transformação social. Para Sennet (2009, p. 24), "os seres humanos são hábeis criadores de um lugar para si mesmos" (SENNET, 2009, p.24).

A partir da afirmação de Sennet (2009), esse trabalho pretende entender se, a comunidade do Bichinho, criou um novo espaço de vida, de cooperação e de desenvolvimento, a partir da chegada de um agente socialmente empreendedor.

Em 1991, nasce oprojeto *Oficina de Agosto*, uma experiência que teve início com a chegada ao vilarejo,do paulista Antônio Carlos Bech, o *Toti*, um artista plástico que, muda-se para a cidadela e,a partir da utilização de materiais recicláveis encontrados no local, cria objetos de decoração.

Toti desenvolve,na comunidade, um grupo de artesãos que o ajudavam na construção desses objetos de arte que, no princípio,eram idealizados somente por ele, embora observava-se, no passado, que a região já possuía um passado e uma tradição voltada para os ofícios manuais (SOUZA NETO, 1995). O projeto *Oficina de Agosto*começou seus trabalhos com oitoartesãos e hoje conta com mais de 100 profissionais. A *Oficina*gerou grande impacto na região, "aumentando sua

infraestrutura, e emplacando campanhas sociais de higiene, meio ambiente, limpeza e saúde", além da inclusão social (SANTOS,et al, 2010, p. 12).

Em Bichinho, percebe-se que o artesanato aparece não apenas como uma alternativa de negócio para ajudar a população em situação de pobreza a superar sua realidade de vulnerabilidade social. Em torno das redes de interação social, que se estabelecem a partir da dinamização de negócios inclusivos ligados ao artesanato, surgem novas possibilidades de reconfiguração do sentido do trabalho, das relações entre os membros da comunidade e da sua própria identidade como grupo e indivíduos em um território marcado pela pobreza, mas também por oportunidades de superação dessa realidade. Os laços que se estabelecem nesse contexto têm decisivos desdobramentos sobre os negócios inclusivos e suas possibilidades de contribuir para mitigar a vulnerabilidade de muitos indivíduos dessa comunidade.

Considerações finais

Os negócios inclusivos podem, tanto como objeto de estudo acadêmico quanto de ideia força para a intervenção socioambiental, se constituir em espaço de renovação das práticas de combate a pobreza, como também em dinâmica pouco efetiva e pasteurizada a partir de fórmulas prontas e idealizadas de intervir na realidade dos pobres.

É preciso avançar nas discussões sobre negócios inclusivos a partir dos marcos fundamentais da teorização sobre formação de negócios e combate a pobreza, possibilitando interpretações mais consistentes e profundas, bem como mais articuladas com a realidade de países emergentes como o Brasil, da efetiva dinâmica da pobreza. É nesse sentido que as discussões que procuram articular redes, pobreza e negócios inclusivos se apresentam como uma importante contribuição nessa agenda de debates e investigações.

Espera-se com esse artigo que novos estudos possam trazer novos elementos, por exemplo, acerca da realidade da cultura política brasileira frente à ascensão da chamada nova classe média, capazes de fundamentar melhor os importantes debates que operam em torno da pobreza e dos negócios inclusivos na contemporaneidade.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Desenvolver os territórios fortalecendo o empreendedorismo de pequeno porte.** In: Fórum Internacional Território, Desenvolvimento Rural e Democracia, 2003, Fortaleza. Anais. Fortaleza: pp. 2-34, 2003.

BARROS, Ricardo Paes; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. **A Estabilidade Inaceitável da Desigualdade Brasileira**. Rio de Janeiro. IPEA. Texto para Discussão n. 800.

BOURDIEU, Pierre. **O Desencantamento do Mundo**. São Paulo. Perspectiva, 1979.

_____ **O Poder Simbólico**. Lisboa. Difel, 1989.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

CARNEIRO, Carla Bronzo Ladeira. Entrevista ao Portal da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. **Dados do IPEA apontam redução da pobreza no País**, em 09/06/201, Disponível em [http://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2011/06/Not_845792.html], acesso em 06/01/13.

CARNEIRO, Carla Bronzo Ladeira. **Enfoques e medidas de pobreza nas políticas sociais municipais.** Apresentação realizada noSeminário Internacional Indicadores Urbanos. PUC/MG e PBH, Novembro de 2011.

CARRION, Rosinha da Silva Machado. **Pobreza e participação**: decifra-me ou te devoro. Caderno De Resumos XI Colóquio Internacional Sobre Poder Local Desenvolvimento e Gestão Social de Territórios, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Escola de Administração – EAUFBA, Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS, Núcleo de Estudos Sobre Poder e Organizações Locais – NEPOL. Salvador, Bahia, Brasil, Dezembro 2009.

CARRION, Rosinha da Silva Machado; LOPES, André de Oliveira (IC). **Desenvolvimento Local e Governança**: O Caso da Central de Comercialização de Matéria Prima para o Setor de Reciclo em Porto Alegre. In: CARVALHO SOUZA NETO, Antônio; NEVES, Magda de Almeida Neves; FERNANDES, Duval Magalhães (Orgs.). **Trabalho e Cidade**. IRT - Instituto de Relações do Trabalho/PUC Minas. Contagem/MG, 2004, v. 1, p. 211-235.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix/Amaná/Key,1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – a era da informação:** economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COMINI, Graziella Maria. **Negócios inclusivos e Inclusivos: um panorama da diversidade conceitual.** In Mapa de Soluções Inovadoras: Tendências de

empreendedores na construção de negócios inclusivos e inclusivos. Material desenvolvido pelo Instituto Walmart, em parceria com a Ashoka, junho de 2011.

COMINI, Graziella Maria; TEODÓSIO, Armindo dos Santos. **Responsabilidade Social empresarial no combate a pobreza**: perspectivas e desafios dos Negócios Inclusivos no contexto brasileiro. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social – ENAPEGS, São Paulo, maio de 2012.

CORRÊA, Victor Silva. **Redes sociais e empreendedorismo por necessidade:** Análise de casos de sucesso no mundo dos negócios. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Orientadora: Profª Drª Glaucia Maria Vasconcellos Vale. Belo Horizonte, 2010.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e heróis.** Rio de janeiro. Zahar, 1979.

DAVID, D. E. H. **Intraempreendedorismo social**: perspectivas para o desenvolvimento social nas organizações – Tese de doutorado – Florianópolis, 2004. Disponível em <http://www.unioeste.br/projetos/casulo/files/tese_denise_david.pdf>. Acesso em 05jul.2008.

DEMO, Pedro. **Cidadania tutelada e cidadania assistida.** Campinas, Autores Associados, 1995, 171 p.

_____ **Participação é conquista.** São Paulo, Cortez, 1999, 176p.

DUARTE, Maria Flávia Diniz Bastos Coelho. **Educação e empreendedorismo social: um encontro que (trans)forma cidadãos.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário UNA em Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ferreira Ribeiro. Belo Horizonte, abril de 2010.

FARIA, Maria Vilma Coelho Moreira; VIDAL, F. A. B.; FARIAS, I. Q. Empreendedorismo social e economia solidária: um estudo de caso da rede de desenvolvimento local integrado e sustentável da comunidade do grande Bom Jardim. In: IV encontro de pós-graduação e pesquisa da Unifor, 2004, Fortaleza. IV encontro de pós-graduação e pesquisa da Unifor. Fortaleza: Gráfica da Unifor, 2004. p. 458-458.Disponível em [http://www.unioeste.br/projetos/casulo/files/emp_soc_ec_sol.pdf]. Acesso em: 05jan. 2012.

FRANCO, Augusto de. **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável**. Brasília: MILLENNIM, 2000.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP,1993.

GUIMARÃES, Liliane de Oliveira; SIQUEIRA, Moema Miranda de. **Novos desafios do empreendedorismo** - Revista Administração e Diálogo, v. 9, n. 1, 2007, p. 144-156

GRANOVETTER, Mark.**The Strength of weak ties**.American Journal of Sociology. Vol. 78, Issue 6– May, 1973.

GRANOVETTER, Mark.**The Strength of Weak Ties**: A Network Theory Revisited. Sociological Theory, Vol. 1, 1983, pp. 201-233

GRANOVETTER, Mark. **Economic Institutions as Social Constructions**: A Framework for Analysis. ActaSociologica, 1992.

_____. **Problems of explanation in economic sociology**. In: NOHRIA, N.; ECCLES, R.G. Networks and organizations: strutucture, form and action. Boston: Harvard Businnes Scholl Press, 1992.

_____. **The impact osfocial structure on economic outcomes**.Journal of Economic Perspectives. Vol. 19, nº1 – Winter, 2005.

HELLWIG, Beatriz.; CARRION, Rosinha Machado. **A Participação no Processo Decisório. Um Estudo em Economia Solidária. Salvador. Revista Gestão e Tecnologia.** Vol. 6; Série 1. 2006. p. 91-113.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

KLIKSBERG, Bernardo. **Falácias e mitos do Desenvolvimento Social**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2001.

MARQUES, Eduardo; BICHIR, Renata, PAVEZ, Thais; ZOPPI, Miranda; MOYA, Maria Encarnación e PANTOJA, Igor. **Redes pessoais e pobreza em São Paulo.** Disponível em [http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/MARQUES%20et%20al_Redes%20Pessoais%20e%20Pobreza.pdf], acesso em 2 de janeiro de 2013. 2006.

MELO SOUZA NETO, Francisco de Paulo & FROES, César. **Empreendedorismo Social**. Rio de Janeiro , Qualitymark , 2002 .

SOUZANETO, Bezamat. **Buscando conhecer essa modernidade através da história do artesanato**: o caso da produção do carro de bois. (Rio de Janeiro) 1995.
VI. 91 p. 29,7 cm (COPPE/UFRJ, M. Sc., Engenharia de Produção. Tese - Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, 1995.

NOHRIA, Nitin. **Is a network perspective a useful way of studying organizations?** In: Nohria, N. e Eccles, R.G. (ed.) Networks and organizations: Structure, Form and Action. Boston, Mass., Harvard Business School Press, 1992, p.1-22

OLIVEIRA, Edson Marques. **Empreendedorismo social**: da teoria à prática, do sonho à realidade – Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2008.

PODOLNY, Joel M.; PAGE, Karen L. **Network Forms of Organization**.Annual Review of Sociology, Vol. 24: 57-76 (Volume publication date August, 1998).

SANTOS, Thiago de Sousa; NASCIMENTO, João Paulo de Brito; BORGES, Guilherme de Freitas; MORAES, Aline Freire de Oliveira; TEIXEIRA, Eliane. **O**

artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local. VII SEGET – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2010.

SANT'ANNA, Anderson de Souza; OLIVEIRA, Fatima Bayma de; DINIZ, Daniela Martins. **Tipos de empreendedores em dinâmicas de reconversão de funções Econômicas de cidades: uma análise sob a perspectiva de Bourdieu.** Revista Gestão e Sociedade, Belo Horizonte, Volume 6, Número 15, P. 378-406, Setembro/Dezembro de 2012, ISSN 1980-5756.

SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENNETT, Richard. **O Artífice** (*The Craftsman).*Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SENNETT, Richard. **Juntos**. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SINGER, Paul & SOUZA, André Ricardo de. **A economia solidária no Brasil:** a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

SOUZA, Jessé. A Gramática Social da Desigualdade Brasileira. In: Souza, Jessé (Org.) **A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira**. Belo Horizonte. UFMG. 2006. p. 23-53.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SPINK, Mary; SPINK, Peter.Introdução.In: SPINK, Mary; SPINK, Peter (orgs) **Práticas Cotidianas e Naturalização da Desigualdade: uma semana de notícia nos jornais.** São Paulo. Cortez, 2006. p. 7-16

SANTOS, T.et al.**O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local**. VII SEGET – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Rio de Janeiro 2010.

SARKAR, S. **Empreendedorismo e inovação** – 1ª edição, Publicado por Escolar Editora, 2007.

SCHUMPETER, J.A. ***Der untermehmer***.In: ELSTER, LUDWIG et al. Handwprterbuch der staatswissesnschaften, 4ed.,Jena, 1928.

SCHUMPETER, J.A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; AMÂNCIO, Robson; LIMA, Juvêncio Braga de. **Criação e gestão de redes**: uma estratégia competitiva para empresas e regiões. R.Adm., São Paulo, v.41, n.2, p.136-146, abr./maio/jun. 2006.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; GUIMARÃES, Liliane de Oliveira. **Redes sociais, informação, criação e sobrevivência de empresas**. Perspectivas em Ciência da Informação, v.15, n.3, p.195-215, set./dez 2010

YUNNUS, M. **Um mundo sem pobreza**: a empresa social e o futuro do capitalismo. São Paulo: Ática, 2008.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; AMÂNCIO, Robson; LIMA, Juvêncio Braga de. **Criação e gestão de redes**: uma estratégia competitiva para empresas e regiões. R.Adm., São Paulo, v.41, n.2, p.136-146, abr./maio/jun. 2006.